

## ENTRE O SABER E O SER MACHORRA: O JARDIM DA INFÂNCIA QUEER E A SEMENTE DE UM AFETO EM FLOR

Letícia Simões Velloso Schuler<sup>1</sup>

Eider Madeiros<sup>2</sup>

Mariana Pinheiro Ramalho<sup>3</sup>

### RESUMO

Trilhar caminhos que desafiam a norma estabelecida por nossa sociedade e nossa cultura é um desafio que muitos sujeitos precisam enfrentar. Durante toda a vida somos bombardeados por discursos que propagam um dizer predominantemente heteronormativo e aqueles que não o seguem, são postos em um lugar à margem. Diante disso, pensar e problematizar o lugar em que a criança *queer* se insere em todo esse contexto, torna-se inevitável caminho ao nos determos sobre a institucionalização de todos os sujeitos em desenvolvimento psicossocial e identitário. Em “Flor, flores e ferro retorcido”, conto escrito por Natalia Borges Polessso, percebemos que, a partir de uma memória vivida durante a infância de uma personagem-protagonista menina, uma figura marcante lhe é lembrada. É a partir do primeiro contato com a palavra “machorra” que ela iniciará sua angustiante busca na tentativa de compreender o sentido desse vocábulo intrigante. Para isso, nos baseamos nos escritos de Louro (2004, 2018), Preciado (2013) e Bourdieu (2002), entre outros, trazemos a proposta de leitura do conto em torno das potências do afeto vivenciadas pela protagonista.

**Palavras-chave:** Criança queer, Gênero, Literatura.

### INTRODUÇÃO

A literatura é campo fértil onde as manifestações sobre o que habita o nosso íntimo universo particular podem florescer e registrar fundamentais linhas de horizonte, na interminável tarefa de criarmos perspectivas sobre nós mesmos. Podemos tomar como exemplo que a literatura inscreve-se enquanto memória de um povo ou de uma cultura, desde os diários, as epístolas, até a própria materialidade dos tomos que resguardam a história e as ficções que enchem prateleiras e bibliotecas, como acervo da nossa imaginação e humanidade.

*Amora* (2015) é uma coletânea de contos, escrita por Natalia Borges Polessso, que reúne narrativas cuja temática versa principalmente sobre mulheres lésbicas, nas suas diferentes fases da vida e em seus relacionamentos. Além de trazer para a reflexão as descobertas, os desafios

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, leticiaschuler6@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrante do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, eidermadeiros@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, ramalhomari@hotmail.com

e os medos que o encontro consigo mesmo possibilita, os contos nos mostram que enveredar por caminhos tortuosos e desconhecidos é necessário para que o diálogo entre os sentimentos e a subjetividade de cada indivíduo se estabeleça.

Apesar de o gênero conto não se categorizar exclusivamente naquilo que chamamos de narrativas sobre si, é inescapável a predominância do que parte do subjetivo nas estruturas da produção literária em vigência, e em destaque, na modernidade. O eu, pode-se assim dizer, se manifesta resoluta ou minimamente em, praticamente, todos os gêneros literários da atualidade. Conforme introduz Gomes (2004), a representação de uma unidade na prática dos registros da vida, dos sentimentos, dos pensamentos, enfim, da subjetividade central da produção do eu no indivíduo moderno, continua tendo grande relevância temática na contemporaneidade, e por isso, termina por se impregnar na fina estrutura de inúmeras concepções sobre as formas narrativas em constante fase de re-produção.

No que concerne às sexualidades, é bem verdade que, estes artifícios de enfoque temático na literatura, permanecem servindo de maneira crucial à tendência de estabelecer uma escrita também sobre o si das vidas, dos sentimentos, dos pensamentos, até há pouco tidos por marginais. Falar, construir, imaginar narrativas que privilegiam a subjetividade de quem vivencia outras formas de reconhecer este eu, são percursos que trilham e borram fronteiras, tanto no que move a força da literatura como no que humaniza a diferença, a diversidade e a semelhança entre todos nós. (CANDIDO, 2004).

De modo a traçar um diálogo entre tais reflexões, o conto que selecionamos tem como título “Flor, flores e ferro retorcido”. Sua construção se desenvolve a partir de uma voz narrativa, sem nome, que fala sobre a sua infância de menina, de quando tinha oito anos. A narrativa é situada em um bairro suburbano pobre, entre Campo Bom e Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. As personagens que ela nos apresenta são Seu Kuntz, dono de um mercado, pai de Celoi que, por sua vez, é uma menina de onze ou doze anos, amiga da narradora. Há também a família Klein, dona de uma oficina, localizada ao lado da casa da protagonista, e Florlinda, ou Flor, também dona de uma oficina e a outra vizinha da narradora. Elas são personagens que compõem o conto e nos ajudam a estabelecer relações e discussões em torno da infância e das tradições familiares, e em como neste cenário o corpo e a linguagem estão atravessados pela busca de um discurso coerente sobre a sexualidade nas tensões entre alteridade e identidade.

A sucessão dos fatos narados colabora para a reflexão em torno de uma temática principal, a da criança queer. O conto tem seu enredo direcionado para a narradora em um

retorno a um momento de sua infância que a marcou significativamente, diante dos indícios de uma orientação sexual pressupostamente lésbica ao se recordar dos “estranhos afetos” que a angustiaram enquanto menina. A partir da descrição de uma figura marcante, ela rememora o ano de 1988, momento em que ouviu, pela primeira vez, a palavra “machorra”.

A curiosidade em descobrir o que aquela palavra significa norteia a narrativa. Ao questionar a mãe algumas vezes, esta responde que se trata de uma doença de ferro retorcido. Depois, ao comentar com Celoí, esta explica para a protagonista acerca dos arranjos de relacionamentos que podem surgir entre as pessoas, sejam heterossexuais ou homossexuais. Porém, toda essa tentativa de entendimento é em vão e, na sua ingenuidade, ela apenas conclui que Florlinda, a “machorra”, é a flor mais bonita que ela já tinha visto.

O lugar em que a protagonista se vê construída é bastante significativo para nossa discussão. Percebemos, através das famílias que são citadas, ao aparecerem com seus devidos sobrenomes, uma simbolização da tradição heterossexual, o que corrobora a propagação de um discurso baseado em argumentos heteronormativos, muito evidentes na época em que o conto se passa, quando pensamos na sexualidade e nas suas múltiplas manifestações.

## METODOLOGIA

Optamos por uma metodologia na qual o *corpus* literário pudesse ser contemplado em sua potência reflexiva, sem a delimitação única em seu conteúdo ou forma, mas em sua qualidade ficcional conjunta. Diante disso, a pesquisa se guia por seus objetivos como do tipo descritiva-explicativa de caráter estritamente teórico-bibliográfico.

Visto que estamos diante de um objeto que duplica reflexões sobre a escrita de memória e a subjetividade através da narrativa, bem como sua reação e receptividade estéticas, o tratamento dispensado ao *corpus* é puramente qualitativo e recortado ao que nos apresenta o conto eleito em uma discussão temática, sem pretensões de esgotar possíveis “resultados” interpretativos. Isso se evidencia ao estabelecermos como ponto de partida a compreensão de que toda obra literária é potencialmente uma obra “em aberto” (ECO, 1991), seja por seu sentido hermeneuticamente múltiplo, seja por engendrar em seu estatuto artístico a necessária presença de vazios, fundamentais à função imaginativa da relação entre literatura, leitura e visão de mundo.

Pensar sobre a sexualidade nos remete diretamente a questões culturais, sociais e políticas; é uma reflexão acerca de como cada um vive em seus corpos. O corpo e o social estabelecem uma relação em que um dá sentido ao outro, e, para além disso, as culturas também exercem um papel importante, de modo que, é através de suas marcas que definimos e transformamos nossa natureza. A forma que cada sujeito encontrou de expressar seus desejos e prazeres, é, ainda, envolta por questões socialmente estabelecidas e reguladas. A sexualidade, o corpo, as identidades são moldadas e definidas por instâncias que nos são superiores, no sentido de sua materialidade superestrutural e de linguagem simbólica, como a cultura e a sociedade. E estando inseridos nelas, os sujeitos são obrigados a cumprir normas e satisfazer padrões que virtualmente as regem, mas que não por menos, deixam marcas no individual do corpo, no aparente do comportamento, no equilíbrio relativo dos modos de convívio.

É interessante pensar ainda nas múltiplas relações que construímos enquanto protagonistas desses amplos contextos, no sentido de que, nosso encontro com o outro demarca um lugar que influencia no processo de construção de uma alteridade, que, de certa forma, terá influência na nossa identidade. Quando refletimos acerca dessa condição, notamos que, durante esse caminho trilhado entre a alteridade e a identidade, os corpos se tornam parte dessa relação.

Um corpo passa a ser educado por processos pedagógicos distintos, seja na família, na escola ou nos ambientes em que transitamos, e está, naturalmente, atravessado pela sexualidade. Ao nos defrontarmos com o *queer*, percebemos uma potência de não se conseguir dar nome a esta impossível coerência entre o que ditam as normas e o que provém das práticas subjetivas na construção das identidades. Esta, é constituída pelas influências, opiniões, conflitos e discursos; por vozes que negam e condenam. Por outro lado, esses corpos escapam, extraviam-se, atravessam uma fronteira no momento em que negam este lugar que fora estabelecido pela sociedade moderna, configurada por seu inescapável estado de vigilância e controle.

É possível recorrer a essas representações para pensar também os sujeitos transgressivos de gênero e sexualidade. Esses sujeitos, frequentemente, recusam a fixidez e a definição das fronteiras, e assumem a inconstância, a transição e a posição “entre” identidade como intensificadoras do desejo. (LOURO, 2004, p. 21).

Quando pensamos nessa transgressão, tida por muitos como perturbadora e intolerável, inevitavelmente direcionamos nosso olhar para uma situação um pouco mais específica, a criança *queer*. Para Preciado (2013) ela habita um corpo ao qual não se reconhece o direito de

governar e que está envolto em discursos que não as enxergam como capazes de tomar suas próprias decisões; que não defendem seus direitos. É “uma criança que privam de qualquer forma de resistência, de qualquer possibilidade de usar seu corpo livre e coletivamente, usar seus órgãos e seus fluidos sexuais.” (PRECIADO, 2013, p. 96).

Nossa reflexão se baseia em tentar entender o que essa criança quer nos falar ao não se acomodar no discurso dicotômico das normas que diferenciam o normal do desviante. Em outras palavras, a ingenuidade, a ignorância, a inocência, a forma como ela carrega essa neutralidade, são comportamentos que nos apresentam uma possível resposta para esse exercício de reflexão, mas não apenas isso. Por dicotômico, tomamos de passagem a construção que Bourdieu (2002) desenvolve em torno das oposições duais que estruturam as relações sociais de dominação do masculino para com o feminino. Na esteira desse mesmo autor, podemos cogitar que a própria condição feminina da personagem menina já deduz uma tendência a um *habitus* desviante, em virtude de sua sensibilidade intuitiva, de seu alerta sutil junto ao que conseguiu ouvir daquilo que se conversou entre adultos, mas provocou sua intuição quase que de imediato, em torno da palavra “machorra”.

De modo a estabelecer relações entre a sexualidade, suas manifestações, transgressões, a criança *queer* e o *corpus* selecionado para análise, é válido pensarmos numa conexão básica, a criança e seu corpo. Ao partir de uma memória, vivida no ano de 1988, a narradora nos revela uma inquietação, surgida durante sua infância, que será o ponto de partida para o desenrolar da narrativa. Inquietação essa que se refere a uma linguagem; ao significado de uma palavra: “machorra”. A descrição inicial da narrativa nos revela ainda que, morando entre a oficina da família Klein e a da figura marcante de sua infância, a tensão que atravessava as paredes era significativa.

Essa problemática surge em torno de um contexto familiar que, ao se estabelecer enquanto uma instituição, nos moldes do que apregoam Berger e Luckmann (1965) sobre a institucionalização do sujeito, de sua entrada como indivíduo nos ordenamentos do social, no mesmo patamar de uma escola, dita formas tipificadas no que tange à sexualidade e suas formas de expressão.

Além disso, temos a figura da mãe da narradora, que não sabe lidar com todos os questionamentos levantados pela filha, e sempre encontra respostas rápidas, muitas vezes, baseadas em mentiras para que aquele assunto, que tanto a perturba, se encerre. Isso nos leva a pensar o papel ao qual os pais muitas vezes se submetem (ou são submetidos como em um “estado natural de reprodução das coisas”) na vida de seus filhos, quando essas duas figuras

entendem o que é um masculino e um feminino e conseguem transmitir isso para a criança. É assim que incide as primeiras normas ao corpo educado. Porém, não é bem isso que ocorre no nosso texto.

As respostas dadas pela mãe da menina se baseiam e refletem um discurso menos perspicaz do que é o diferente, o desviante, ou seja, o indivíduo que foge da norma, visto ainda como aquele que possui uma doença. Naturalmente, por estarmos lidando com uma criança em toda a sua ingenuidade se ser falante, essa justificativa vai funcionar mais próxima do seu sentido literal. Como é possível notarmos em “Flor, flores e ferro retorcido”, ao se afirmar que Florlinda está doente, a narradora anuncia que “se a vizinha estava mesmo com machorra, seja lá que doença fosse aquela, alguém precisava ir lá e desejar boas melhoras.” (POLESSO, 2015, p. 60).

Uma outra personagem bastante significativa, é Celói, amiga da personagem. Nos últimos momentos da narrativa, ela comenta com a amiga da sua inquietação e Celói, prontamente, tenta dirimi-la ao pegar um ursinho peposo e duas barbies, e posteriormente fazer algumas perguntas, de maneira bastante aproximada do que podemos denominar de ação pedagógica.

Ao juntar a boneca e o ursinho, Celói ilustra uma relação heterossexual, depois pega duas bonecas, coloca uma em cima da outra, e afirma que este caso ilustra o que é ser machorra. Porém, para a narradora, “o fato era que bonecas eram bonecas, ursos eram ursos e machorras eram machorras” (POLESSO, 2015, p. 62), ou seja, aquela explicação não fazia sentido para ela. Então, Celói parte para um outro direcionamento, questionando a amiga se ela prefere carrinho ou boneca, se prefere dançar Xuxa ou brincar de pegar e se gostava de rosa ou azul. Para as duas primeiras perguntas, temos um “depende” como resposta, e para a última, a resposta é a cor verde. Finalmente, Celói dá uma última chance e questiona se ela gosta mais dela ou de Claudinho, um menino da rua que Celói achava lindo, e ela afirma que gosta da amiga. A conclusão, da parte da amiga, já sem paciência, é de que por conta disso, a protagonista é uma machorra.

Esse é um processo o qual uma grande maioria das crianças enfrenta, o de terem seus corpos educados para as regras da normatividade, estabelecidas pelos adultos. Além disso, se transferirmos essa situação para o ambiente escolar, perceberemos que a prática é a mesma; o trabalho com dicotomias, oposições, divisões e separações binárias em torno das diferenças anatômicas do corpo sexuado atravessa, e quiçá embasam, o campo da sexualidade, seja enquanto dispositivo, seja enquanto fato *a priori* da demarcação social do próprio sujeito.

Bourdieu (2002) nos apresenta com um ótimo exemplo em seu estudo antropológico sobre as relações de oposição que cumprem um papel formador na psicossomática das diferenças sexuais junto às comunidades cabilas.

O corpo, em seus preceitos observacionais de construção social, encontra na divisão dicotômica preponderante nos ciclos da natureza, as características que definem um corpo como sendo dominante em detrimento de um outro, que se estenda, respectivamente, à ordem dominante masculina e à sensibilidade intempestiva feminina. “Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes e de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética.” (BORDIEU, 2002, p. 38).

Essa naturalização atravessa, por via da violência simbólica que ela mesma comporta, os discursos formadores das patologias, sejam elas as corporais, ou sociais, dado que são indissociáveis, a partir da noção de serem amplamente construídos no campo das ordens que regem as normas da realidade coletiva e institucionalizada.

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao *próprio corpo*, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. (BOURDIEU, 2002, p. 18, 20).

Nesse sentido, o fato de Florlinda ser uma mecânica de automóveis nos alerta a uma diferença desviante que frustra a expectativa profissional não tradicionalmente feminina, o que a faz estar situada em um ponto fora da curva da divisão absoluta do trabalho com base no sexo. A ela restaria, portanto, uma posição de confronto em cuja própria existência se retaliaria a constatação de uma anormalidade, uma patologia, uma doença, um erro de percurso. Daí que se disponha uma incompatibilidade discursiva para explicar a uma criança a categoria de Florlinda, senão a de mulher estabelecida pelos demais como este híbrido: maria-homem, fêmea infértil, machuda, machorra.

A tristeza e a crença de que está doente toma conta da protagonista no momento em que sua amiga Celoi conclui que ela é uma menina machorra. Assim, nos encaminhamos para a última cena do conto, quando há o encontro da protagonista com Florlinda e esta nota o comportamento estranho da narradora: “— Pequena, por que está com essa carinha triste? — Porque a Celoi acha que eu estou doente também, que eu tenho o mesmo que a senhora. [...]

Ela se agachou e colocou a mão na minha testa [...]. — Bobagem, tu tá ótima. Não há nada de errado contigo.” (POLESSO, 2015, p. 63). É com esse encontro, marcado pela explosão do transformador da rua e a iluminação dos olhos de Florlinda pelas faíscas, que a marcante lembrança vivida no ano de 1988 chega ao fim – ou se eterniza como cena de uma memória repleta de afeto em sua mais fina flor.

Essa sequência de acontecimentos nos leva a uma reflexão que nos faz olhar aquilo que está além das palavras e perceber que, o que esta machorra é, senão esse estranho, essa potência, essa fronteira entre o normal da natureza e o normativo, enquanto aquilo que está dentro e fora da lei. O sexual, para a lei, representante dessa normatividade, é nada mais que um tabu em frágil estado de preservação.

A falta de compreensão aliada às características que são comuns às crianças nos leva a perceber que essa incapacidade de reconhecimento da diferença, da escolha desviante de Florlinda, não é um problema dela, mas, daqueles que convivem com ela, das famílias que insistem em propagar discursos que simbolizam uma tradição heterossexual. Pois, para a criança, ela nunca será uma machorra, e sim, apenas uma pessoa. O afeto da menina, que não é nomeada, não tem gênero.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O corpo da criança, antes mesmo de seu nascimento, já tem projetado sobre ele, uma série de expectativas, caso seja uma menina ou um menino; o indivíduo já nasce com sua inscrição no campo do discurso efetivada. É um corpo que desde cedo já é educado para encarar com normalidade certas dicotomias que habitam a realidade, por exemplo.

Pensar na criança *queer* e nas relações que ela estabelece com seu corpo e os discursos que a rodeiam, é uma tarefa que exige uma saída do lugar comum. É pensar a existência de uma não-binariedade, uma via alternativa do resignificado para além da fixação com o identitário binarista, que, ao negar as oposições fixas e duais estabelecidas pela sociedade, explode a amplitude da spectralidade do estranho-diverso performativizado.

“Flor, flores e ferro retorcido” nos apresenta, a partir de um retorno ao passado, nas memórias de uma menina aos oito anos de idade, um ambiente marcado pela tradição heteronormativa e um apego à denominação de uma anormalidade; em olhar para o outro e acreditar que ele carrega em si, uma doença. É um exemplo da violência simbólica que ainda insiste em ter espaço (BOURDIEU, 2002) – especialmente, na dimensão não-ficcional.



Entretanto, é na ingenuidade infantil da personagem principal, e na não ocorrência efetiva da docilização máxima de seu corpo, que, aquele que para muitos é o anormal, se torna apenas uma pessoa, que, assim como todos nós, expressa seus desejos, sentimentos e afetos por alguém, independentemente do gênero. A machorra, neste enquadre, ao não se encaixar em discursos, os transgride e os inquieta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto literário toca, muitas vezes, naquilo que há de cru na natureza humana; nos provoca inquietações e nos auxilia em nossa formação crítica, além de ser um espaço para expor temas que, até pouco tempo, eram marginalizados. Por isso, trazer a sexualidade, um aspecto tão intrínseco de qualquer indivíduo, como aspecto principal para nossa discussão, é enveredar por um caminho repleto de discursos, padrões, normas e intolerância.

Diante disso, percebemos que muitas questões atravessam esse tema e, o encontro consigo mesmo, traz à tona medos, descobertas e desafios. Por termos tratado de olhar essas perspectivas a partir de uma criança *queer* como potencial de ruptura de discursos de violência simbólica e de contraposição das possibilidades de afetos dos mais múltiplos – sobretudo diante da máxima a qual lhe falta direitos para governar seu próprio corpo –, consideramos que o exercício de leitura desenvolvimento nos provoca ao levarmos adiante um questionamento acerca do que há de peculiar e significativo ao permitirmos ouvir o que a infância quer nos falar. Isso, pois, diante do fato de a criança não se encaixar nas normas, haja vista resistirem em seu próprio processo de entrada na linguagem e de articulação das ordens dominantes, elas acabam por deixar lições importantes na indiferença entre o normal e o desviante.

## REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro. (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-24.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidades e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLESSO, Natalia Borges. Flor, flores, ferro retorcido. In: POLESSO, Natalia Borges. *Amora*. Porto Alegre: Não-Editora, 2015. p. 55-63.

PRECIADO, Paul. B. Quem defende a criança queer?. *Revista Jangada*, n. 1, jan./jun., 2013, p. 96-99.